

Fazendo lama do pó das Sagradas Escrituras: Simcha Jacopovici e o documentário *exploitation* de assunto religioso, DEAR

Luiz Vadico*

Resumo: No presente artigo serão analisados dois documentários religiosos: *O Êxodo decodificado* (2005) e *O túmulo secreto de Jesus* (2006), ambos do diretor Simcha Jacopovici, buscando refletir sobre a produção contemporânea de documentários religiosos. A escolha se deve aos temas e ao seu material, retirado da arqueologia bíblica, e ao fato de existirem diversos documentários que abordam temas similares.
Palavras-chave: documentário; religião; arqueologia; Bíblia; vídeo; televisão.

Resumen: En el presente artículo analizaremos dos documentales religiosos: *The Exodus decoded* (2005) y *The lost tomb of Jesus* (2006), ambos del director Simcha Jacopovici, buscando reflexionar sobre la producción contemporánea de documentales religiosos. La elección se debe a los temas y a su material, extraído de la arqueología bíblica, y al hecho de existir diversos documentales que abordan temas similares.
Palabras clave: documental; religión; arqueología; Biblia; vídeo; televisión.

Abstract: In this article we will analyze two religious documentaries: *The Exodus decoded* (2005) and *The lost tomb of Jesus* (2006), both by director Simcha Jacopovici, seeking to reflect on the contemporary production of religious documentaries. The choice of these films is due to both the subjects and the material that were taken from biblical archeology. Also it is due to the fact that there are several documentaries that approach similar themes.
Keywords: documentary; religion; archeology; Bible; video; television.

Résumé: Dans cet article, nous allons analyser deux documentaires religieux : *The Exodus decoded* (2005) et *The lost tomb of Jesus* (2006), tous deux réalisés par Simcha Jacopovici. Notre but est de réfléchir, à partir de ces films, sur la production contemporaine de documentaires religieux. Ce choix est dû aux sujets, au matériel avec lequel ils sont construits, issus de l'archéologie biblique, et au fait qu'il existe plusieurs documentaires qui abordent des thèmes similaires.
Mots-clés: documentaire; religion; archéologie; Bible; vidéo; télévision.

* Universidade Anhembi Morumbi – UAM, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 04546-001, São Paulo, Brasil.
E-mail: vadico@gmail.com

Artigo escrito a convite dos editores.

Introdução

No presente artigo verificaremos dois documentários de assunto e consequências religiosos: *O Êxodo Decodificado* (2005) e *O túmulo secreto de Jesus* (2006), ambos do diretor Simcha Jacopovici, buscando fazer uma reflexão sobre a produção contemporânea de documentários religiosos. A escolha se prende inicialmente aos assuntos e de onde retiram o seu material, a arqueologia bíblica, e ao fato de existirem diversos documentários que abordam temas similares. A análise foi feita a partir da decupagem dos filmes, recuperando através da forma como estes estruturam as imagens a real dimensão da sua linha argumentativa.

Inicialmente não pareciam se tratar de obras inseridas no Campo do Filme Religioso (Vadico, 2015); apesar da modalidade documentário fazer parte da massa de produções midiáticas deste e ter até mesmo especificidades próprias, como defendido em artigo anterior (Vadico, 2006: 118). O que nos garantiria essa exceção é a intenção do diretor ou produtor (Vadico, 2015: 34); a intenção do produtor define o produto como sendo outra coisa. E este se definiu como Jornalista Investigativo, e deseja que seus filmes sejam investigações arqueológicas. Pensamos então em categorizá-los junto às obras de “contraposição ao Campo do Filme Religioso” ou entre as que exploram os assuntos religiosos e seus aspectos curiosos.

No entanto, os filmes de contraposição costumam ser autorais, têm um claro viés de oposição e questionamento do Campo do Filme Religioso ou do imaginário social referente ao mesmo. A sua intenção é atingir, se opor, e até mesmo desmistificar (Vadico, 2015: 37). Já os filmes de ficção *mainstream* que tangenciam o Campo, mas com ele não se relacionam, são razoavelmente inócuos para o mesmo. Como *Stigmata* (1999), de Rupert Wainwright, e *Dogma* (1999), de Kevin Smith. Já os documentários aqui analisados atingem e afetam o público e suas crenças. Além disso, o diretor e produtor é independente, não é porta-voz de qualquer instituição religiosa, e parece desinteressado de Teologia. A produção de Teologia, de forma direta ou indireta, é o que distingue os documentários religiosos de quaisquer outros tipos. É esta que organiza a sua voz e que lhe dá finalidade (Vadico, 2006: 36).

Outros documentários, de períodos distintos aos aqui verificados, tratam dos mesmos eventos também com certa dose de sensacionalismo. Os temas ainda são explorados atualmente, como pode ser verificado em dois documentários disponíveis no Netflix (janeiro, 2017). O primeiro, dirigido por Tim Mahoney, *Patterns of evidence: Exodus* (2014), retoma o assunto da verificação arqueológica do Êxodo e chega mesmo a manter a questão principal relativa ao documentário de Jacopovici, a sincronização de datas de fatos apa-

rentemente distantes para provar a existência do Êxodo. E, conclui de forma semelhante, retrocedendo a data do Êxodo de 1270 a.c. para 1500 a.c. O segundo documentário, dirigido por David Caldwell Evans e Justin Hardy, *Os mistérios de Jesus* (2014), explora – desta vez através de depoimentos de teólogos –, fatos “estranhos” da vida de Jesus como narrada nos Evangelhos.

Devemos lembrar, ainda, uma produção mais antiga e importante pela qualidade: *A família secreta de Jesus* (2006), dirigido por David Batty e apresentado por Robert Beckford. Do mesmo ano de *O túmulo secreto de Jesus*, aqui analisada. O documentário irá verificar as fontes e provas da existência da família consanguínea de Jesus, seu papel na vida do mesmo e na da comunidade nascente do cristianismo, além de avançar na busca dos descendentes da família até trezentos anos depois.

Trabalho de pesquisa muito bem realizado, com nomes de peso: Dra. Esther de Boer, autora do livro 'The Mary Magdalene Cover Up'; Madre Catherine; Stefano de Luca, monge franciscano; Dra. Helen Bond, Edinburgh University; Padre Nicolai Spiro, Igreja Ortodoxa Grega; Pe. Lawrence Bode, Guardião da Gruta do Leite; Issa Khoury-Jaraisy, dono de loja de souvenirs; Prof. Richard Bauckham, St Andrews University; Aviram Oshri, arqueólogo; Pe. Saleh Khoury, Igreja Ortodoxa Grega; Prof. James D. Tabor, autor do livro 'The Jesus Dynasty'; Pe. Eugenio Alliata, monge franciscano; Dr. Shimon Gibson, autor do livro 'The Cave of John the Baptist'; Prof. Ronny Reich, University of Haifa; Dra. Raffaella Giuliani, Pontifical Commission for Sacred Archaeology; Reverendo Dean Bechard, Pontifical Biblical Institute; Ignatius Zakk'a I. Iwas, Patriarca da Igreja Ortodoxa Siríaca; Arcebispo Aristarchos, do patriarcado da Igreja Ortodoxa Grega.

As opiniões negativas e contrárias à proposta deste documentário são integralmente mantidas, respeitadas, e às vezes discutidas. Há até mesmo um certo equilíbrio entre as opiniões positivas e negativas, mostrando cuidado ético.

O filme *O Código Da Vinci* (2006), de Ron Howard, baseado no livro homônimo de Dan Brown, de 2003, foi muito citado nas várias obras analisadas. Sem possuir dados definitivos ainda, sugerimos que a polêmica em torno do livro e do filme despertou o interesse do público e cineastas para estes temas e aos similares que tocam à arqueologia bíblica. Note-se que diversos documentários deste tipo foram produzidos depois de 2005, mostrando um interesse maior no tema. Títulos e números podem ser verificados em vários sites especializados no assunto, como o Top Documentary e o Filmes Religiosos¹.

1. Top Documentary, o site indexa centenas de documentários religiosos, e Filmes Religiosos, publica listas de documentário religiosos e de assunto religioso. Podem ser acessados respectivamente, em: <http://topdocumentaryfilms.com/category/religion/> e www.filmesreligiosos.com/2009/01/lista-de-documentarios.html

Após analisar e estudar detidamente esses documentários, gostaríamos de pensa-los ligados à ideia do *Cinema Exploitation* (Baptista & Mascarello, 2012) que, aqui, nos parece bastante judiciosa para pensarmos parte da produção contemporânea de documentários que abordam assuntos religiosos². O cinema *Exploitation* se caracteriza por produtores e diretores independentes que faziam filmes com forte apelo transgressivo; em sua maioria eram filmes B, de baixo orçamento. Aqui não nos interessa filiar esses documentários à evolução dessa modalidade, mas sim ao seu espírito, ao sensacionalismo e ao afrouxamento “ético” que os conformam objetivando atingir um mercado. Nós o chamaremos de *documentário exploitation de assunto religioso*, DEAR. Com esta sigla desejamos não causar confusão com o documentário religioso, que possui produtores confessionais ou não, mas que têm claras intenções religiosas.

O documentário é uma modalidade narrativa que permite, mais que a ficção, falar diretamente ao espectador as ideias que propõe. E o faz muito mais assertivamente por estabelecer proposições sobre o mundo, ou seja, volta-se diretamente para a sociedade e a sua cultura. Dele também o espectador espera proposições e a aquisição de conhecimento. E neste sentido estamos em acordo com o conceito de Fernão Ramos, no seu livro *Mas afinal... O que é mesmo Documentário?*:

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (Ramos, 2008: 22).

Os documentários que aqui serão analisados podem, *grosso modo*, serem classificados no tipo que Bill Nichols chamou de *Modo Expositivo* (Nichols, 2005: 142), no entanto, eles se encaixam perfeitamente na descrição feita por Fernão Ramos, e a preferimos por sua abrangência:

Há no documentário contemporâneo – que denomino documentário cabo, divulgado predominantemente pela mídia televisiva – uma narrativa que se baseia intensamente em tomadas de estúdio e roteiros detalhados plano-a-plano. O documentário cabo possui diversidade, mas alguns traços estruturais são recorrentes. Utiliza bastante a narrativa over, ou locução, mas num modo distinto do documentário clássico. Como no documentário clássico, o saber implícito (a voz do saber), que fundamenta as vozes que fazem as asserções, reina soberano, sem má consciência. O documentário cabo é um documentário

2. E aqui dizemos “assunto religioso” por que nem tudo que o possui é efetivamente religioso, por isso a distinção.

rio assertivo. Mas, ao contrário do documentário típico do período clássico, as asserções são estabelecidas por vozes múltiplas. A narrativa enuncia não apenas através da locução, em sua posição de voz de Deus falando sobre o mundo, mas através de uma multiplicidade de vozes, representada por entrevistas, depoimentos, material de arquivo, diálogos. A multiplicidade de vozes não exclui, no entanto, a unicidade da asserção do saber veiculada pelo documentário cabo, dentro de um contexto ideológico próximo ao documentário clássico. O documentário cabo pode ser encontrado, em sua diversidade dentro de produções da BBC, em documentários sobre fatos históricos que preenchem a programação do History Channel, em documentários sobre o mundo animal que preenchem a programação do Animal Planet, nas produções documentárias, um pouco mais sofisticadas, explorando densidade de personagens, do National Geographic, etc. Em sua diversidade, existe um tom não autoral e uniformizador da narrativa documentária dos canais a cabo, que forma o veio dominante do documentário contemporâneo. (Ramos, 2008: 42).

A imensa maioria dos documentários religiosos são do tipo “cabo”. E a sua produção nos últimos trinta anos se tornou efetivamente superior a qualquer outro gênero do Campo do Filme Religioso. São centenas de vídeo-documentários, alguns sites chegam a listar as produções e há efetiva preferência dos canais televisivos pelos que se assentam sobre a arqueologia bíblica (e estudos textuais relativos à Bíblia, textos gnósticos, apócrifos e afins). Após levantamento, podemos afirmar que parte dos DEAR se assenta na história e nas descobertas arqueológicas relativas à religião Judaico-cristã. Em outras palavras, busca seu material junto à arqueologia Bíblica. Essa produção – assim como ocorre no Cinema *mainstream* – é acompanhada de diversos produtos, como venda de supostas relíquias, comercialização de DVDs, livros, pacotes turísticos etc. Em outras palavras, propiciam, criam e atingem um mercado. Neste sentido, são mais eficazes do que os filmes de ficção, nos quais chegam a influir decisivamente.

Desde o século XIX a arqueologia bíblica³ surgiu como uma disciplina séria. E, como espectadores contemporâneos, podemos nos perguntar sobre o porquê do seu surgimento e o porquê de chamar tanto a atenção de documentaristas. Ora, o motivo mais importante para que todo este material científico exista, assim como o midiático - às vezes nada científico – é o fato de que tanto o Judaísmo quanto o Cristianismo são religiões históricas. Em outras palavras, tanto em um como em outro Deus se manifestou na história, no mundo concreto. E se ele o fez, como tudo o que passa pelo mundo deixa vestígios, e se estes existirem, podem ser encontrados por arqueólogos. E estas manifes-

3. Sobre Arqueologia Bíblica vide o interessante trabalho de Gabriella Barbosa Rodrigues, Pedro Paulo A. Funari, “Considerações sobre a trajetória inicial da Arqueologia Bíblica” in: Revista Mosaico, v.2, n.2, pp.95-101, jul./dez., 2009. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/download/967/675>

tações de/ou atuações sobre a história, ou o destino histórico do povo hebreu – e dos cristãos –, estão narradas na Bíblia. No entanto, nessa conjunção de Ciência (arqueologia) e religião, temos duas formas de compreender e explicar o mundo diferentes. Se há a possibilidade de que relatos bíblicos sejam comprovados pela arqueologia, também há a de que não sejam. E nesses casos, tão importante quanto os artefatos encontrados é a interpretação sobre os mesmos posta nos documentários, que podem distorcer a importância das descobertas, ora aumentando-as, ora minimizando o seu interesse.

A arqueologia Bíblica dá a possibilidade de concretude para a fé, provas materiais daquilo que fomenta a crença. Isso é extremamente importante, não para os cristãos medievais e nem para os primeiros cristãos, mas para o cristianismo que começou a florescer no século XIX em solo americano, e que atualmente se disseminou pelo planeta, inclusive no Brasil. Qual a suposta virtude do Evangelismo americano? Simplificar o conteúdo da fé para atingir as massas. E para isso terminaram por implementar a leitura literal da Bíblia, ou fundamentalista (Shelley, 2004: 479).

A leitura literal exige que todos os seus detalhes sejam verdade. Logo, se se puder comprovar a autenticidade quer sejam dos textos bíblicos quer sejam dos seus relatos através de artefatos físicos encontrados por arqueólogos isso seria uma prova cabal de que essa leitura está correta e de que a Bíblia, da forma como leem alguns cristãos, conteria assim a “palavra de Deus”. Além disso, há o aspecto político mais candente desde o início do século XX, a problemática fundação do Estado de Israel, ela também se baseia numa legitimação histórico-bíblica.

A verdade da fé está em questão. E ela busca contraditoriamente se afirmar pela verdade científica. Até aí, há alguma conciliação possível, mas se a isso juntarmos o produto midiático contemporâneo, teremos algo como: “se for sensacional e espetacular, lhe digo o que for preciso, mesmo distorcendo informações”. Bem, nessa circunstância assistimos à ousadia do discurso midiático.

Neste percurso, é de interesse o trabalho do diretor Simcha Jacopovici, notadamente dois de seus documentários, *O Êxodo decodificado* e *O túmulo secreto de Jesus*.

Simcha Jacobovici é diretor e produtor de documentários⁴. Judeu, nascido no Canadá, viveu muito tempo em Israel e atualmente divide seu tempo entre os dois países. Graduou-se em Filosofia e Ciência Política (com honras) na Universidade McGill, é Mestre em Relações Internacionais pela Universidade

4. Os dados biográficos foram colhidos em sua maior parte no site mantido por Simcha Jacopovici; a tradução é nossa e preferimos manter títulos, prêmios e instituições em inglês. Disponível em: www.simchajtv.com/simcha-jacobovici-biography/

de Toronto. É Professor Adjunto de Estudos Religiosos na Huntington University, afiliado da Universidade Laurentian em Sudbury, Ontário. Jacobovici foi palestrante convidado para várias conferências em vários campi, incluindo a Universidade de Yale, a Universidade Johns Hopkins, a Universidade McGill, a UCLA e a Universidade de York.

Como documentarista, ligado ao Jornalismo Investigativo, recebeu vários prêmios e figura como autor de best-sellers no New York Times; seus prêmios incluem três Emmys por Outstanding Investigative Journalism, um certificado de Special Merit da Academy of Motion Picture Arts and Sciences, a Medalha de Ouro do International Documentary Festival of Nyon, três U.S. Cable Ace Awards, dois Gemini awards, um Alfred I. Dupont-Columbia University Award, e do Overseas Press Club of America o Prêmio Carl Spielvogel e o Prêmio Edward R. Murrow.

Produziu programação para praticamente todas as grandes emissoras internacionais, incluindo CBC, Vision, NBC, PBS, Discovery Channel, History Channel, National Geographic Channel, HBO, Five, BBC, Arte, TF1, ProSieben, ZDF, NHK, Discovery Science entre outros. Jacobovici foi responsável por três temporadas da série internacionalmente conhecida *The Naked Archaeologist*. Os seus documentários mais recentes, *O túmulo secreto de Jesus/The Lost Tomb of Jesus* (com James Cameron) e *The resurrection tomb mystery* continuam a fazer manchetes ao redor do mundo.

Nos últimos dezesseis anos, Jacobovici tem aplicado sua experiência jornalística a investigações arqueológicas. Ele chamou o seu de trabalho de “arqueologia investigativa” uma clara fusão dos métodos do jornalismo investigativo com as pesquisas arqueológicas. Como resultado tornou-se conhecido internacionalmente por “decodificar” o passado antigo e tem aparecido em vários programas de televisão, incluindo Anderson Cooper 360, Larry King Live, The Oprah Winfrey Show e NBC hoje.

Ele publicou artigos em vários jornais do Canadá, entre eles The Globe and Mail, The Toronto Star, The Montreal Gazette e The Ottawa Citizen. Nos Estados Unidos, seus artigos foram publicados em The New York Times, The L.A. Times e The Boston Globe. Suas reportagens foram publicadas internacionalmente pela Associated Press e seus artigos apareceram no International Herald Tribune. Ele também publicou na revista acadêmica The Middle East Focus. O primeiro livro de Jacobovici, *The Jesus Family Tomb (A Tumba da Família de Jesus, 2007)*, co-escrito com Charles Pellegrino, foi publicado em 2007 por Harper Collins. Foi traduzido em mais de 16 línguas e é um best-seller internacional. O novo livro de Jacobovici *The Jesus Discovery* foi publicado em 2012

por Simon & Schuster, e dá seguimento ao livro anterior, é co-escrito com o Professor James Tabor.

Dirigiu os seguintes documentários e séries: *Falasha: Exile of the Black Jews* (1983); *Deadly Currents* (1991); *Expulsion and Memory: Descendants of the Hidden Jews* (1996); *Hollywoodism: Jews, Movies & the American Dream* (1997); *The Struma* (2001); *Quest for the Lost Tribes* (2000); *James, Brother of Jesus* (2003); *The Exodus Decoded* (2005); *The Naked Archaeologist* (2006–2010); *Charging the Rhino* (2007); *The Lost Tomb of Jesus* (2007); *Secrets of Christianity/Decoding the Ancients* (2010); *The Jesus Discovery/The Resurrection Tomb Mystery* (2012); *Bride of God* (Science Channel/VisionTV, 2014).

Credenciais não faltam ao diretor. Formação acadêmica, conhecimento do assunto, experiência na produção audiovisual e reconhecido com vários prêmios. Ainda que não discordemos da conceituação de Fernão Ramos relativamente ao *documentário cabo*, neste caso é necessário abrir uma exceção no que tange ao quesito autoral. Simcha Jacopovici, quer seja pelos temas tratados, quer seja pela forma assertiva de trata-los, ainda que não estabeleça uma forma ou estética originais, é uma marca. Uma grife do documentário. E sua marca é a polêmica, como pudemos verificar nos títulos dos documentários acima. E não apenas a polêmica, mas a sua extensão. Ao tratar de um assunto que chama a atenção do público, em seguida produz mais um ou dois documentários que prolongam o interesse despertado. Além disso, associou-se ao conhecido diretor e produtor James Cameron, o que também o levou a investir muito mais do que outros nos efeitos visuais das produções. Cameron, aparece como produtor executivo dos dois documentários aqui analisados e também chega a fazer parte do protagonismo aparecendo e abalizando as ideias de Simcha Jacopovici.

A escolha dos dois documentários

A opção pela análise dos dois documentários já mencionados recaiu, em primeiro, lugar nos seus assuntos. Um trata do Êxodo e o outro do suposto túmulo de Jesus Cristo (logo, da ressurreição). Em termos religiosos, para o Cristianismo, é no Êxodo, com Moisés, que se dá a Antiga Aliança de Deus com os homens, através dos Dez Mandamentos; e é a Ressurreição de Cristo que garante a chamada Nova Aliança deste mesmo Deus. Velho Testamento e Novo Testamento, respectivamente. O diretor se debruçou sobre os dois fatos mais importantes da crença Cristã, e também do Judaísmo (e da consequência relativa à ressurreição sobre os mesmos judeus). Em outras palavras, se Jesus não ressuscitou prevalece a Velha Aliança. Reaem também sobre estes

dois temas as mais importantes produções Hollywoodianas do assunto, da TV italiana (RAI), e da brasileira (Record). Então, é difícil ignorá-los. O outro fator para a escolha foi a repercussão e polêmica que ambos os filmes geraram. Causaram impacto social, afetaram a população e os estudiosos dos assuntos, típica característica de filmes do Campo do Filme Religioso.

O Êxodo Decodificado

Do que trata o Documentário? Nele se busca provar, através de investigação jornalística arqueológica, que o Êxodo Bíblico é um fato histórico em todos os seus ínfimos detalhes.⁵ Como ele se organiza? Uma *voz over*, assumida pelo próprio diretor, organiza o texto e os supostos fatos, provas, depoimentos, direcionando-os para a conclusão. A ordenação das imagens se dá em diversos níveis, as imagens câmera – de locações externas e internas, mostrando a veracidade dos artefatos arqueológicos; as imagens com depoimentos de especialistas (seja em campo ou em primeiro plano, sem locação aparente); entrecortadas com muitas imagens de efeitos visuais, usadas para demonstrar – de forma gráfica – acontecimentos, e reforçar as ideias do diretor, chegando a estabelecer um cilindro cronológico no qual as diversas datas buscadas são sincronizadas. Ocorrem também animações digitais ao longo do filme, dando “vida” a imagens antigas desenhadas, ou grafadas, até mesmo por gregos Minóicos. Diferente de outros documentários, neste os efeitos visuais abundam de forma insistente.

Apesar das múltiplas vozes de especialistas e do jogo entre Simcha Jacopovici e James Cameron, não há nenhuma contradição ou oposição entre elas; todas são vozes afirmativas relativamente ao que será narrado. O diretor James Cameron aparece por quatro vezes para corroborá-las. É um documentário muito afirmativo, do início ao fim. O diretor é figura constante na *voz over*, que faz as proposições e está presente nas imagens-câmera que buscam estabelecer veracidade e plausibilidade visuais para o espectador.

São citados e usados os depoimentos de vários especialistas que em nenhum momento parecem estar contra a proposta do documentário, como: Prof. Philip Davies, University of Sheffield; Prof. James Hoffmeier, Trinity Evangelical Divinity School; Prof. Keith W. Whitelam, Sheffield University; o arqueólogo Henri Chevrier, do século XIX; Prof. Donald Redford, Pensilvania State University; Prof. Manfred Bietak, Austrian Archeological Institute; Charles Pellegrino, que é apenas dito “autor”; Prof. William Dever, Univer-

5. A análise foi realizada a partir da cópia integral do filme hospedado no Youtube através do Canal4life, de 93 min. De duração. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XPJoWqeQ-sE&index=40&list=PLF53KUmmdlD5BuBk3fPtUQAPA18Bf0hJ&t=1884s

sity of Arizona; Dra. Catherine Hickson, Geological Survey of Canadá; o especialista Rabbi Chaim Sakinovitz; Prof. Jean-Daniel Stanley, Smithsonian Institution; Prof. James Hoffmeier, da Trinity Evangelical School; Prof. Christos Doumas, University of Athens; o arqueólogo Heinrich Schielimann, século XIX; o especialista Constantinos Paschalidis, National Archaeological Museum Athens. Para os quais não há agradecimentos ao final do filme.

Estruturalmente, dividimos o documentário em introdução e oito partes. Ao longo destas, o diretor se utiliza didática e continuamente da enumeração das provas arqueológicas que irão alfabeticamente de A a O, e uma prova final que não é enumerada, P. As Dez pragas Egípcias, ocorridas durante o momento do Êxodo, não são enumeradas como prova, mas sofrem apenas a numeração encontrada no texto bíblico, de 1 a 10. O documentário continua concorde com a descrição de Fernão Ramos no que diz respeito ao documentário “cabo”. No entanto, há pelo menos um momento de explícita interferência teológica, como veremos bem mais adiante.

A questão mais importante no documentário é a sincronização de datas, que ocorre através da demonstração arqueológica de fatos distintos. Ela é necessária, pois é da primeira descoberta de Jacopovici, a Estela de Ahmose, que parte a premissa que fundamenta e dá origem a todo o documentário. Segundo ele:

A maioria dos peritos crê que a história [do êxodo] seja um mito, então, mesmo com provas eles as ignoram. O exemplo mais dramático disso foi em 1947, quando o arqueólogo Henri Chevrier, achou partes de um monumento quebradas, uma estela, datada da época do faraó Ahmose, por volta de 1500 antes da era comum. Por incrível que possa parecer, a estela de Ahmose é coberta de inscrições hieroglíficas que espelham a narrativa bíblica. Hoje ela está abandonada no porão do Museu do Cairo, e todas as nossas tentativas de acessá-la foram infrutíferas. Usando a descrição publicada de Chevrier, reconstruímos a estela e pedimos a um dos maiores egiptólogos do mundo para falar sobre ela.

O Prof. Donald Redford, Pensilvania State University, confirma o paralelismo da narrativa da estela com a bíblica, pois fala de eventos climáticos, escuridão, tempestades etc. E data a inscrição em 1500 anos a.c. Em seguida Simcha Jacopovici vai ao Museu do Cairo, onde mostrará múmias de Ahmose e sua esposa (e posteriormente do seu filho Sapair, morto jovem). Especula que Ahmose, em egípcio significa “A Lua Nasceu”, mas que em hebraico significa “Irmão de Moisés”. Continua em *voz over* informando que na história ele é famoso por ter expulsado os Hicsos do Egito, cuja dominação vai de 1750-1500 a.c.

A próxima etapa para o diretor é demonstrar que os israelitas são os mesmos Hicsos. Para tanto vai para a escavação da cidade de Avaris, a capital dos

Hicsos. Assessorado pelo prof. Manfred Bietak, da Universidade da Áustria, respeitado arqueólogo, ele os relaciona, são semitas. Ele também encontrará na cidade, em momentos posteriores ao documentário, outras provas para suas alegações. Vários selos, de anéis de ordens, com a inscrição “Jacó, pai de José”. Depois encontrará, por ocasião da décima praga que mata os primogênitos egípcios, grande quantidade de esqueletos do sexo masculino enterrados no período que lhe interessa. Posteriormente Avaris fornecerá pedras-pomes e cinzas vulcânicas da erupção do vulcão Santorini, outra peça fundamental na lógica do documentário.

Todo esse esforço visa demolir a opinião dos especialistas que datam o Êxodo no ano de 1270 a.c., na época do faraó Ramsés II. A sincronização de eventos com a Estela de Ahmoses continua. Simcha demonstra a existência da migração de um povo chamado de “Amo” (ou Amo Israel), em torno de 1700 a.c., mostrando inclusive pinturas murais com as típicas vestes semitas. Enfim, ele termina por estabelecer que Avaris é a terra na qual José, quando grão-vizir do Egito, estabeleceu Jacó e seus onze irmãos.

A cidade era importante no período e está situada no Delta do Nilo. Por ser uma cidade portuária, demonstram que ela possuía relações com os Minóicos, vindos da ilha de Santorini. Após sincronizar estes fatos, faltava estabelecer que a erupção do vulcão Santorini ocorreu em torno de 1500 a.c. Isso ele consegue facilmente com depoimento do prof. Bietak e de uma geóloga. A erupção é o segundo dado mais importante, pois é através dela que Simcha Jacopovici irá elucidar as Dez Pragas bíblicas e a Abertura do Mar Vermelho.

As pragas e todo o Êxodo serão explicados a partir de fenômenos naturais que se deram graças à erupção do vulcão de Santorini. Para se demonstrar a sua validade se fará a comparação com um evento contemporâneo ocorrido na República de Camarões, numa comunidade que vivia próxima ao lago Nyos, em 1986. Essas demonstrações não recebem o nome de “provas”. Seguem uma espécie de sequência lógica de um evento natural. Neste momento ocorre uma nova, mas primeira asserção: Um terremoto poderia fazer com que as águas do Nilo se tornassem vermelhas?

Descreve então o fenômeno ocorrido no Lago Nyos, na República dos Camarões. O especialista Prof. George Kling, University of Michigan, explica que quando há grande concentração de ferro no fundo do lago, os gases que escapam de uma falha geológica podem levar os sedimentos até a superfície revolvendo-os e tornando a água vermelha. Essa explicação é transportada para o que ocorreu no Nilo na época do Êxodo.

Primeira praga, as águas ficaram vermelhas, por causa dos terremotos, gases escaparam de uma falha geológica e levaram os sedimentos com grande

quantidade de ferro para cima, o que explica a coloração vermelho-amarronzada da água. Isso causou a mortandade de peixes, por causa da baixa oxigenação da água. Surge a segunda praga, os sapos, como são anfíbios saíram do rio. A terceira praga foi provocada pelos peixes apodrecidos e a falta de água potável, que levou à proliferação de moscas e piolhos. A terceira praga é de Piolhos, e a quarta, é de moscas. A quinta praga é uma epidemia, provocada, pela proliferação de moscas, falta de água limpa e piolhos, com transmissão bacteriana que afeta homens e animais.

A sexta praga, é de furúnculos e bolhas que ocorreram em animais e pessoas, e esta é explicada pela cadeia de eventos acima, mas comparada com o que ocorreu em Nyos, em 1986. De acordo com Simcha a circulação de Dióxido de Carbono pelo ar deixa as pessoas numa espécie de coma, reduzindo a circulação de sangue pela pele, ocasionando queimaduras e bolhas. A sétima praga, Deus fez cair uma chuva de gelo e fogo sobre os egípcios, foi explicada como sendo o fenômeno de *accretionary lapilly*, também devido à erupção e descrito supostamente no Papiro de Ipuwer (datado da época dos Hicsos) seu redator informa que o Egito foi atingido por uma chuva de gelo e fogo. Em outras palavras, a nuvem de cinzas provocada por Santorini, tem partículas de vapor que se transformam em gelo e outras que não, e caem sobre a terra.

A oitava praga, dos gafanhotos, também se explica em consequência da sétima. Eles são naturais da África, e a percorrem como nuvens, e costumam baixar à terra quando a temperatura cai. Após a chuva de granizo e fogo, a temperatura caiu rapidamente. A nona praga, a escuridão que recaiu sobre o Egito, se trata da nuvem de fumaça e sedimentos do Santorini que chegaram enfim, encobrendo o sol e deixando tudo na escuridão. A existência de pedras-pomes em Avaris e de cinzas do Santorini no mesmo local, e no Delta do Rio Nilo, provam a teoria, como informa o Prof. Jean-Daniel Stanley, Smithsonian Institution. E esta é a PROVA H: Cinzas do Santorini no Delta do Nilo.

A décima praga, é explicada com um exemplo do Lago Nyos. Os israelitas estavam sentados fazendo o ritual prescrito por Moisés e os primogênitos egípcios estavam dormindo em camas baixas, pois eram privilegiados. Aí escapou dióxido de carbono do Nilo que ficara preso após tornar as águas vermelhas e formou uma nuvem rasteira, como ocorreu no Lago Nyos. Tudo o que estava próximo ao chão morreu. Neste último caso a superfície do lago funcionou como um tampão, aí deslizamentos de terra liberaram o gás. Túmulos de crianças e adultos do sexo masculino todos no mesmo período, às vezes covas coletivas, foram encontrados em Avaris, essa é a chamada PROVA I. Mostrase também a múmia do jovem príncipe Sapair, filho de Ahmoses. E isso nos é dado como sendo a PROVA J.

Então se inicia a Quinta Parte do documentário, a Abertura do Mar Vermelho. Aqui ocorre a terceira aparição do cineasta James Cameron. Ele diz que a Arqueologia, a geologia e a Bíblia provam o Êxodo, mas os pesquisadores resistem aos fatos pois isso provaria a existência de Deus e os crentes resistem à prova científica, pois isso anularia Deus. Simcha Jacopovici aparece para dar uma interpretação, Deus não anula a natureza ele age através dela (Teologia). Em outras palavras, de acordo com a Bíblia deveríamos entender a ciência por detrás dos Milagres, e o maior deles, a Abertura do Mar Vermelho.

Primeiramente Simcha Jacopovici irá descartar o mar Vermelho e, para tanto, começa se fixando no fato conhecido da tradução equivocada do nome. Em português não faz sentido, mas em inglês sim, de Red Sea para Reed Sea, mar de juncos: Yam Suf no texto hebreu. Este seria o atual lago El Balah, do qual sobrou pouco depois da construção do canal de Suez em 1850. Só foi possível provar após encontrarem uma inscrição em um bloco de granito no *Ismailia Museum Regional*, no qual se descrevia o evento da divisão do mar, descrito como a PROVA K “El Arishion Inscription”.

O especialista prof. James Hoffmeier, da Trinity Evangelical School, é chamado para falar sobre a inscrição. O granito menciona o lugar onde o mar se dividiu: Pi Hairote. E os arqueólogos sabem onde ele fica atualmente. O prof. Manfred Bietak após estudar a região propôs que os egípcios o conheciam por *Patufy*, a terra pantanosa. A palavra *Tuf* em egípcio é o mesmo que *Suf* em hebreu, Juncos, e que agora é o Lago El Balah. E esta é a PROVA L: O LAGO YAM SUF, ou REED SEA. Lá há o encontro de água doce e salgada, e hoje é praticamente um deserto.

De acordo com Simcha, os israelitas o teriam atravessado após desmoronamentos de terra em Santorini. A placa Africana aliviada de peso teria se elevado em um metro e meio ou mais, fazendo as águas escorrerem para um lado e dando margem seca para passarem. Os mesmos eventos teriam criado um tsunami que engoliu as tropas do Faraó que perseguiram o povo.

Na parte seis do documentário ocorre nova proposição. Após irem até o Monte Sinai, um segmento pequeno dos seguidores de Moisés embarcou em navios e foi para a Grécia. Para demonstrar isso é apresentada a PROVA M, descoberta em 1978: um mapa que descreve uma viagem do Egito passando por Avaris. Para falar a seu respeito surge o especialista Prof. Christos Doumas, University of Athens. Em 1992, Manfred Bietak descobriu em Avaris murais Minóicos que provam que gregos viveram na cidade e que havia contato entre as duas civilizações. Nova proposição é colocada: logo, é lícito presumir-se que alguns dos seguidores de Moisés eram gregos e que retornaram a Grécia depois do Êxodo. A Bíblia afirma que os israelitas saíram do

Egito levando grande quantidade de ouro e armas egípcias. 3.500 anos depois há alguma chance de encontrar espadas israelitas e ouro egípcio na Grécia? Em Micenas, em 1876, o arqueólogo Heinrich Schliemann, encontrou tumbas de teto abobadado e que foram construídas à sombra de um monte em forma de pirâmide. Surpreendentemente elas continham espadas e ouro egípcios. Os sepulcros eram de 1500 a.c. E aí surge a PROVA N: as Lápides que descrevem a divisão do Mar de Juncos.

Simcha aponta três lápides que, de acordo com ele, contêm a descrição da abertura do mar. Sobre estas pede explicações para um especialista, Constantinos Paschalidis, National Archaeological Museum Athens. Ele o ignora. Para que a descrição de Simcha faça sentido é fundamental a utilização de efeitos visuais que dão três dimensões e animação às lápides. A descrição: primeiro temos o exército egípcio perseguindo Moisés, depois ele se voltando contra o exército em meio às águas divididas e, em seguida, o mar se fechando sobre o exército. E se encerra essa parte.

A sétima parte do documentário se caracteriza pela identificação do verdadeiro Monte Sinai. Primeiramente o diretor informa a localização do atual Monte Sinai e argumenta como este está longe das rotas antigas e inclusive de Israel. O cálculo da rota de Moisés pelo deserto é refeito com cuidado, mapeando as antigas rotas. Opta-se pela rota central na península arábica. No seu caminho é preciso encontrar o Monte Sinai e, para tanto, o texto do Êxodo bíblico é consultado, pois nele há detalhes sobre o monte. O único monte no percurso que corresponde à descrição “Montanha Sagrada” é o Hashem El Tarif. PROVA O: Monte Sinai é a Hashem El Tarif. Após esse feito, Simcha recita no local, em tom religioso, os Dez Mandamentos.

Na oitava e última parte ele deseja estabelecer a aparência visual da Arca da Aliança. E aí ocorre uma nova proposição: depois que Moisés construiu uma arca e nela pôs os dez Mandamentos, um tabernáculo e o Altar de Sacrifícios, Simcha Jacopovici informa que minoicos, seguidores de Moisés voltaram para a Grécia e lá acabaram sendo sepultados na antiga cidade de Micenas, onde seriam descobertos pelo famoso arqueólogo que descobriu Tróia, Heinrich Schliemann. Estes seguidores de Moisés foram sepultados em Micenas e chamados por Homero de Danóides, que para o diretor é uma coincidência com a tribo de “Dan”, especialista em ourivesaria. Aí teremos a PROVA FINAL: A Arca da Aliança. O diretor vai até o Museu Nacional de Atenas para demonstrá-la. Alguns penduricalhos de ouro cujo formato dão a impressão de serem um “ponto de vista” do fundo do Tabernáculo, onde ficava o Santo dos Santos que continha a Arca da Aliança, a escada e o altar de sacrifícios. Depois ele os reconstrói em imagens tridimensionais para chegar à imagem

final da Arca da Aliança, remetendo ao início do filme, à sua abertura. Usa novamente imagens do filme *Caçadores da Arca Perdida*. E encerra convicto da historicidade do Êxodo, encontrada onde ninguém havia procurado.

O túmulo secreto de Jesus

O documentário⁶ pretende investigar se uma tumba descoberta em Talpiot, ao sul de Jerusalém, em 1980, pertenceria à família de Jesus. Razões para tanto? Os seis nomes encontrados entre os dez ossuários ali depositados: Maria; Mateus; Yosah ou Yose (contração de José), Yeshua Bar Yoseph, Mara ou Mariamne, Yehuda Bar Yeshua. E Yacov Bar Yoseph (acrescentado ao longo da investigação). Além da aparente investigação jornalístico-arqueológica, são chamados à comprovação exames de DNA, especialistas em paleografia, e um estatístico (talvez o mais importante para o documentário). Essa técnica de sepultamento, através de ossuários, só existiu em Jerusalém entre os anos de 20 a.c. e 70 d.c. – época da destruição do Templo pelos Romanos. Isso ajudaria a propor a ousada hipótese do documentário: O túmulo secreto de Jesus.

O documentário possui uma voz over fortemente argumentativa (Ron White), ela faz as proposições (ou asserções), e vez ou outra é assumida pela imagem do diretor reafirmando-as. O aparente fio condutor da narrativa são as imagens da investigação da Tumba de Talpiot, nas quais Simcha Jacopovici figura como protagonista no papel de jornalista investigativo. São imagens de locações de campo, externas e internas. Uma parte delas ilustra inicialmente a descoberta da Tumba em 1980 e a seguir assumem as imagens de pesquisa de campo, realizadas em Jerusalém; o fio condutor verdadeiro do documentário é a *voz over*. Ela apresenta as proposições, os estudiosos entrevistados, e autoriza e desautoriza suas afirmações. O documentário também apresenta dramatizações da vida de Jesus feitas especialmente para ilustrar as proposições do narrador.

A montagem se estrutura através de imagens de encenações da vida de Jesus (e supostos fatos), imagens de campo de locações internas no museu e institutos de pesquisa, imagens de campo da investigação de onde ficava o túmulo (dois túmulos), imagens ilustrativas de locações a partir do narrador, imagens em pp dos vários especialistas, imagens de pessoas locais participando dos eventos e efeitos visuais gráficos. Elas são alinhavadas pela voz over do narrador onipresente. A partir das suas asserções as imagens são chamadas a depor. Apenas as imagens relativamente às buscas dos túmulos por

6. A análise foi realizada na cópia *O Túmulo Secreto de Jesus*, produzido pela Focus Filmes, lançado em 2007. Duração aproximada de 103 minutos.

Simcha Jacopovici não são anunciadas pelo narrador, transcorrendo como se fossem uma narrativa necessária, mas paralela.

A linha argumentativa inicialmente introduz o assunto, a descoberta da Tumba de Talpiot, e o fato de que nela encontraram ossuários com nomes conhecidos e que poderiam ser o túmulo da Família de Jesus. A tumba também possuía um estranho símbolo esculpido na fachada, um V invertido com um pequeno círculo no centro. Diante dessa asserção, ocorre a pergunta sobre as razões que teriam levado os especialistas a ignorar essa conjunção de nomes em um mesmo túmulo. Surgem especialistas para comentar esse fato e o problema da Ressurreição e da descoberta, sendo Dominic Crossan, conhecido pesquisador do Jesus histórico, o nome de maior peso. O narrador conclui que isso não é um problema real. Pois, para os cristãos mais esclarecidos, a ressurreição foi um fato espiritual. No entanto, aqui o diretor mente, pois no Credo Tridentino, que confirma o Concílio de Nicéia, a crença na ressurreição é dogma de fé, como podemos ver pela oração:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.⁷

Iniciam a discussão a partir do ossuário de Maria, provavelmente a matriarca, estudam a etimologia do nome, e após concluírem positivamente e através dos nomes citados nos ossuários, propõem uma curta árvore genealógica da família; logo após iniciam a busca pela comprovação do ossuário de Matheus. E, por essa razão, fazem a genealogia de Maria e a de José e verificam que Mateus é um nome que se repete várias vezes na genealogia da Virgem. Ele não parece ser um problema. A partir dos quatro nomes iniciais, Jesus filho de José, Maria, Yosah e Matheus, vão em busca de demonstrar estatisticamente como era improvável que qualquer outra família, com aquele conjunto de nomes, estivesse ali naquela tumba. A prova é dada não pela quantidade, mas pelas possibilidades de combinações. Mas, o número encontrado parecia não bastar. Continuam a pesquisa para depois referendá-lo praticamente como certeza em 1 por 600.

Em busca de provar o V invertido como um símbolo judeu-cristão, Simcha Jacopovici encontra o ossuário onde estão os ossos de Simão de Cirene (o ho-

7. Oração encontrada no site Católico, Catequisar.com.br: www.catequisar.com.br/texto/oracao/cristao/02.htm

mem que ajudou Jesus a carregar a cruz) e seu filho Alexandre, encontrado em 1941. Nele se vê o mesmo símbolo esculpido de forma discreta. Deste ponto em diante irão tratar de um ossuário, pertencente a Mariamne, Mara; e iniciam a investigação sugerindo que seja Maria Madalena; recolocam-na na posição de discípula de Cristo que tem com ele uma relação especial. Através da medicina forense descobrem, através do DNA mitocondrial, que ela e Yeshua não possuem a mesma mãe, e como os ossuários foram encontrados um ao lado do outro, concluem que eram casados.

Em seguida começa um esforço para se criar um contexto arqueológico para a Tumba, pois isso fortaleceria a sua veracidade, ou seja, encontrar uma comunidade judeu-cristã no seu entorno e identificar positivamente essa mesma comunidade. Por essa razão irão argumentar que o “X” encontrado, como grafite, em diversos ossuários são na realidade uma “Cruz”, ou o Ta’v última letra do alfabeto aramaico; para poderem relacionar os diversos ossuários de uma determinada comunidade, no monte das oliveiras. Terminam por demonstrar que o Ta’v era um símbolo perdido dos primeiros cristãos, desconectando-o do símbolo da cruz adotado posteriormente. Além disso, encontram em mais um ossuário o símbolo do V invertido, passando assim a também ser considerado um símbolo paleo-cristão. De quebra, ainda encontram um pedaço do ossuário de Simão Pedro. Shimon Bar Yonah, segundo o documentário, o único a ser encontrado com este nome.

E, como faltava um dos ossuários registrados nos arquivos do IAA, através da análise de pátina e das medidas e data da descoberta, concluíram que o famoso ossuário de Tiago também fazia parte da Tumba de Talpiot. Não é demais recordar que o ossuário de Thiago foi alvo de documentário anterior do mesmo diretor.

E, por fim, após fazerem todas essas asserções e buscarem demonstrar a sua validade, concluem pela veracidade do ossuário de Yudah Bar Yeshua, o filho de Jesus com Maria Madalena, que efetivamente, de acordo com o documentário, morreu criança e sempre foi escondido por medo de represálias, uma vez que Jesus foi crucificado por se dizer “Rei dos Judeus”. Para terminar, representantes do IAA chegam à Tumba e pedem para Simcha Japovici e sua equipe saírem, pois não tinham autorização para entrar ali.

Desde o início o tom do documentário é: uma verdade que não querem que vocês saibam. Ou, uma descoberta com a qual ninguém quer lidar ou se responsabilizar. Os especialistas chamados a depor ou efetivamente contratados para participar são literalmente usados para corroborar a tese proposta. Não fica claro de qualquer forma na maior parte das suas entrevistas, e participações, se concordam ou não com o achado. Mas, é possível ver claramente

que dois deles, James Tabor e Charles Pellegrino, participam da produção de forma efetiva e fazem sua voz predominar.

Os especialistas são os mais diversos, como: Shimon Gibson (arqueólogo), James Tabor (University of Carolina of North), Tal Ilan (Free University of Berlin) Frank Moore Cross (Harvard), François Bovon (Harvard Divinity School), Dominic Crossan, Amos Koner (Bar Ilan University, de Israel), David Mevorah (curador do museu de Israel), Andrey Feuerverger (University of Toronto), Padre Jerome Murphy-O'Connor, Dr. Charles Pellegrino, entre muitos outros. Estranhamente, nos créditos não são listados os pesquisadores, apenas um agradecimento às diversas instituições. David Mevorah e Amos Korer são os únicos a darem mostras evidentes de que discordam do caminho das investigações, sendo que, para o primeiro, é quase difícil disfarçar a sua irritação com o diretor.

É importante destacar que toda a investigação parte dos nomes encontrados na tumba. Todo o esforço realizado é para demonstrar que os nomes ali reunidos só podem ser os da família de Jesus. No entanto, não há qualquer questionamento inicial relativamente ao fato básico: porque a família de Jesus seria sepultada em Jerusalém se todos eram de Nazaré? Também não ocorre nenhuma justificativa para que os outros irmãos e irmãs de Jesus não estejam depositados na Tumba de Talpiot. Bem, não é o caso neste artigo de demonstrar as incoerências e erros encontrados no documentário. Sobre isso é ilustrativo consultar a Coluna de Luís Nassif onde ele replica, sob o título *As meias verdades do filme "O Sepulcro Esquecido de Jesus"*⁸, o texto de Antonio Ateu, um pseudônimo, veiculado do blog *A arte das artes*, postado por H K Merton em sexta-feira, abril 11, 2008. Nele não apenas as principais asserções do documentário são bem resumidas, como também são rebatidas uma a uma. A sugestão de leitura não implica em nossa concordância ou não com o texto publicado.

Comparação entre os dois documentários

O estilo e formatação dos dois são praticamente os mesmos. O tipo de edição utilizada, a forma argumentativa (assertiva) e a presença de efeitos visuais e gráficos, são uma constante em trabalhos anteriores do diretor, como, p.ex. *Tiago, Irmão de Jesus* (2003). Em o *Êxodo Decodificado*, efeitos visuais, efeitos gráficos, animações, e até mesmo uma narrativa de viagem animada, são utilizados à exaustão. Em *O túmulo secreto de Jesus*, os efeitos aparecem

8. Blog de Luís Nassif – Luís Nassif online. <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-meias-verdades-do-filme-o-sepulcro-esquecido-de-jesus>

numa escala muito menor, no entanto, com fins semelhantes. Neste se dá mais ênfase nos momentos encenados da vida de Cristo proposta.

Em *Êxodo* notamos uma participação mais emblemática do diretor James Cameron, talvez por essa razão os efeitos abundem. Tanto Cameron quanto Jacopovici quando são mostrados, estão colocados em frente a um *Chroma Key* e nele se cria um espaço recoberto por engenhocas animadas e imagens que desfilam dinamicamente, fazendo crer que eles caminham por um espaço profundamente midiaticizado. Podemos dizer que os efeitos visuais são utilizados para narrar uma estória, apoiar a narração, as proposições, sublinhando os aspectos relevantes. A ênfase frisa especialmente nomes em aramaico, hebraico, dando-lhes volume e tridimensionalidade, chegando mesmo a serem iluminados por uma luz em seu entorno. Tudo acompanhado pelas afirmações da *voz over*.

Um dado importante nos dois documentários é que, diferentemente de outros a que pudemos assistir, como *A Família Secreta de Jesus*, desde o início há um tom de desafio e questionamento da opinião oficial dos especialistas sobre os fatos que serão narrados. Como podemos ver no início de *Êxodo decodificado*:

Através de efeitos visuais de animação digital, os frames parecem flutuar entre engenhocas e relatos de descobertas de múmias ao fundo e apresenta James Cameron, em plano geral, em pé, que introduzirá o problema e dará crédito ao diretor:

A história do Êxodo está no âmago do Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Por milhares de anos os fiéis, o encararam como fato histórico. Mas, nas últimas décadas, estudiosos a têm chamado de conto de fadas. Sou James Cameron e conheço um cineasta que, por quase uma década, tem como missão responder a uma pergunta de três mil anos: 'O Êxodo é fato ou ficção?' Ele é Simcha Jacopovici, duas vezes vencedor do Emmy por Jornalismo Investigativo. Ele diz que os estudiosos não viram a prova arqueológica que está embaixo do nariz de todos. Mais do que isso, ele tem provas. Juntou peças há muito esquecidas do derradeiro mistério arqueológico.

Inicia-se a real Introdução ao documentário, surge o diretor, também em Plano Geral, e que declara:

Como fizemos isso? Encontrando especialistas de várias disciplinas que raramente ou nunca falam uns com os outros. Nenhum deles assina a nossa versão da história, mas muitos possuem peças cruciais do quebra-cabeças. E o resultado irá desafiar até os mais céticos. Mas antes de mostrarmos as provas vamos começar a história pelo início.

Este tipo de afirmação será uma constante nos momentos mais importantes da produção. O mesmo pode ser visto em *O túmulo secreto de Jesus*:

O narrador nos informa que dos dez ossuários encontrados quatro foram classificados como “sem nome” pelo IAA, no entanto, isso não significava que eles eram simples. Imagens – câmara mostram os ossuários e a encenação da descoberta por Jacopovici. Eram decorados com rosetas, mas o mais interessante é que um deles foi marcado com uma cruz, em forma de X, ou Tao. O narrador conta que essas marcas foram ignoradas, pois os arqueólogos informam que se trata de sinais para que se saiba onde exatamente encaixar a tampa da caixa de calcário; essa informação é acompanhada pela encenação de pedreiros em sua oficina. Corta para depoimento de um especialista do IAA, sem nome, que afirma: “Estas marcas nada têm à ver com o Cristianismo, elas são muito comuns, acho que é só um sinal de pedreiro”; em seguida ele é desautorizado pelo narrador: “E isso simplesmente porque as cruzes não são aceitas como cruzes no sentido cristão, em nenhum sítio anterior ao século IV.”

Outros documentários contentam-se em expor especialistas e ideias, mas aqui o tom é claramente desafiador. James Cameron e Simcha Jacopovici deixam claro que os especialistas estão equivocados, que têm interesses envolvidos. E que, entretanto, nos documentários se conhecerá a verdade que ninguém quis contar.

A duração dos documentários é parecida, cerca de 90 minutos, mas quantidade de fatos e informações é superior no primeiro. O número de asserções é muito maior, e o desenvolvimento de cada uma delas acaba por pedir novas asserções até que se encerre por onde começou.

Em ambos há citação de filmes *mainstream*, com o termo *hollywoodianos* dito de forma enfática, como *Os Caçadores da arca perdida* (1981) (utilizam imagens ilustrativas); *Os dez mandamentos* (1925) de Cecil B. DeMille, *A última tentação de Cristo* (1988), de Martin Scorsese, mas é evidente que estão mais interessados em chamar atenção para o *Código Da Vinci*, principalmente quando o assunto é Maria Madalena.

Em *Êxodo Decodificado*, há uma segurança maior dos envolvidos. James Cameron aparece por quatro vezes tomando a palavra e abrindo para a entrada de Jacopovici; a narração é feita pelo próprio o diretor. Já em *O túmulo secreto de Jesus*, o comprometimento deles é menor, a narração é deixada a cargo de um locutor (Ron White), James Cameron não aparece, e Jacopovici não faz qualquer asserção. Ele é sobretudo o protagonista da investigação da tumba nas imagens-câmera. Este documentário se caracterizou por ser mais argumentativo que o anterior, há muito mais “e se...” e muito menos fatos concretos. Poderíamos dizer, simplificando, que em um temos *provas* e no outro *evidências*. Talvez isso se deva à exiguidade do assunto tratado, afinal é apenas uma tumba em Jerusalém, enquanto o outro documentário passeia pela história

Egípcia, israelense, Oriente Médio, geologia, arqueologia, estatísticas, eventos contemporâneos etc.

A Teologia de Simcha Jacopovici

É preciso notar que, à primeira vista, seria difícil afirmar que o diretor possui intenções teológicas. Ele não se afirma religioso de qualquer forma – exceção feita ao *Kepah* que traz na cabeça o tempo todo, sinal de que é judeu. No entanto, vem abordando assuntos delicados que tocam tanto o Judaísmo quanto o Cristianismo, haja vista seu documentário *Falasha*, sobre a tribo perdida de Israel, (num conhecido episódio que levou o Estado de Israel a levar uma tribo inteira da Etiópia para seu território), depois *Tiago, Irmão de Jesus*, e outros tantos pequenos documentários também para TV, que se desdobram e se repetem.

Chama a atenção a diferença de abordagem nas duas obras analisadas. No primeiro o autor se fundamenta de diversas formas, com uma pesquisa extremamente elaborada e suas conclusões são *positivas*. Ou seja, corroboram o desejo da população israelita de que o Êxodo tenha realmente ocorrido; ainda que os cristãos também se beneficiem supostamente dessa prova. Chega a ser comovente quando, após estabelecer a localização do verdadeiro Monte Sinai, Simcha declama um por um os Dez Mandamentos, em tom de voz muito respeitoso, reafirmando a crença. Sim, ele é judeu, e um judeu comprometido.

O esforço e investimento utilizados para provar a *qualidade* dos fatos bíblicos referentes ao Êxodo, não é o mesmo utilizado no documentário sobre Jesus. Este serve para demonstrar que o fundamento da fé cristã está errado, é falso. Apesar do cuidado que o diretor toma relativamente ao assunto, essa é a consequência única do trabalho. É como se dissesse em alto e bom som: nós judeus estamos certos, vocês cristãos estão errados; e eu provo isso com fatos arqueológicos, paleográficos, estatísticos, geológicos etc. (Essa afirmação pertence ao documentário, a tão somente um único judeu que oficialmente não representa qualquer instituição judaica).

Agora podemos solucionar a dúvida inicial. Os documentários de Simcha Jacopovici aqui analisados pertencem ao Campo do Filme Religioso. Não notamos anteriormente, pois nosso trabalho está calcado no judaico-cristianismo, e não tínhamos visto até então uma vertente apenas judaica do Campo. O fato de ser judeu praticante e cidadão israelense, está por trás das suas escolhas como cineasta, orientou as proposições dos documentários e levou às suas conclusões finais. E aqui chegamos à primeira proposição do Campo do Filme Religioso, os seus produtos devem ter:

1. Tema ou assunto religioso, socialmente reconhecido como tal; (o que se deseja dizer com o socialmente reconhecido é que este assunto toque e afete a sociedade para a qual ele é produzido, enviado e recebido. É necessário que este produto seja recebido de forma afetiva; em outras palavras, um filme cristão para uma coletividade cristã. E o mesmo se estivéssemos numa sociedade budista ou xamânica. (...). (Vadico, 2015: 32).

Ele está falando sobre Deus, e está falando da fala de Deus para os Homens, logo fazendo teologia (Marsch & Ortiz, 1997: 22). No primeiro documentário ele inspira a fé, e reafirma as bases do Judaísmo, no segundo ele mina a base da crença historicamente concorrente. Ainda que não seja inspirador para os cristãos, poderia ser para um público judeu.

Concluindo pelo DEAR

A outra questão aqui é ética. Será ético abordar e construir um discurso demolidor das bases da crença de bilhões de pessoas negando-o que o faz? Para finalizar este artigo, entre tantas controvérsias publicadas na imprensa e na internet selecionamos uma matéria publicada pela Time, em 23 de janeiro de 2013.

Nina Burleigh, jornalista investigativa e autora, numa matéria para a Time, em 2013, (versão para Israel), sob o título: *A Feud Between Biblical Archaeologists Goes to Court*⁹ descreveu uma das últimas polêmicas nas quais Simcha Jacopovici se acha envolvido. Após ser acusado por um ex-curador do IAA, Joe Zias, de forjar e plantar provas arqueológicas nos seus documentários, fraudando resultados, resolveu processá-lo reivindicando um milhão de dólares por perda de contratos com TVs por causa da campanha difamatória. Se a cifra parece absurda, Nina nos informa sobre os interesses envolvidos:

O empoeirado mundo da arqueologia bíblica afeta diretamente – para não dizer inspira – as esperanças e sonhos de milhões de pessoas fiéis que podem comprar supostas relíquias ou sintonizar programas de televisão sobre eles. E, assim, surgiu em torno dele uma indústria próspera de moedas e lâmpadas da época de Jesus, e judaica pré-cristã, como selos e impressões de selos da era dos reis bíblicos – e livros e filmes sobre eles.

Burleigh também é autora do livro *Unholy Business: A True Tale of Faith, Greed and Forgery in the Holy Land*, que trata deste tipo de comércio.

Sobre o cineasta ela informa que já havia feito um documentário sobre o ossuário de Tiago, segundo ele autêntico, mas considerado uma falsificação

9. O texto aqui desenvolvido como pertencente a Nina Burleigh é um resumo da matéria, sendo realizado através de tradução livre do autor; para maiores detalhes recomenda-se que se acesse a matéria na íntegra: <http://world.time.com/2013/01/29/a-feud-between-biblical-archaeologists-goes-to-court/>

pelas autoridades israelenses e por eruditos consultados. Em 2012, após um julgamento de oito anos sobre a falsificação da relíquia bíblica para fins lucrativos, um juiz absolveu os dois acusados por fraude (um deles tinha sido acusado de inventar a inscrição), mas se recusou a decidir sobre a falsificação em si. O Discovery Chanel transmitiu o filme, no entanto, em 2008 o colocou na sua lista como uma das dez maiores fraudes de todos os tempos.

Jacobovici então fez o documentário *O túmulo secreto de Jesus*, no qual ainda consta o ossuário de Tiago como autêntico, e logo produziu *Nails of the Cross*, onde afirmava que os pregos de ferro escavados pela Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA) em um túmulo em Jerusalém, em 1990, eram os próprios pregos usados para fixar o Salvador na cruz. *Nails of the Cross* foi exibido na TV israelense e no History Chanel.

Por tudo isso, Joe Zias, 71, emergiu como inimigo de Jacobovici. Arqueólogo profissional aposentado, trabalhou por 25 anos para a IAA, a pequena agência israelense encarregada de supervisionar as escavações em 30.000 sítios arqueológicos. Ele conhece bem o mundo obscuro do comércio de relíquias bíblicas. É também conhecido entre os arqueólogos do Oriente Médio por espalhar e-mails de seu blog, *Science and Archaeology Group*, acusando cineastas e escritores de "proxenetismo da Bíblia." Ele disse a Nina Burleigh que foi motivado a expor a farsa do mundo da relíquia bíblica quando era curador de arqueologia para a IAA, depois de ser abordado por um par de pastores americanos do Centro-Oeste. Estes se queixavam que os seus rebanhos eram frequentemente enganados por charlatões que recolhiam dinheiro para procurar sob as pedras de Jerusalém uma prova tangível de relatos bíblicos – como p.ex. o DNA de Cristo.

Um grupo de especialistas acadêmicos também atacou o projeto para o filme sobre o chamado ossuário de Jonah. O filme, *The Jesus Discovery*, que finalmente foi ao ar no *Discovery Channel* em 2012, também publicado como livro, afirma que o ossuário, encontrado em um túmulo sob um edifício de apartamentos em Jerusalém, é o primeiro exemplo conhecido de um objeto com um símbolo cristão referindo-se à ressurreição. O presidente do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de Duke, Eric M. Meyers, disse a respeito das acusações de Jacobovici sobre a saída do National Geographic do projeto: "Eu estava no grupo de consultores peritos avaliando a integridade das propostas, a adequação do relatório e as controversas alegações sobre o túmulo no qual o ossuário de Jonah foi encontrado, e o grupo concordou unanimemente em não recomendar que o projeto e o filme fossem adiante."

Meyers, que é judeu, disse também estar preocupado com a implicação em grande parte da obra de Jacobovici de que não haveria ressurreição. De acordo

com Meyers, Jacobovici reivindicou ter alguns dos ossos de Jesus e sua família, e seu DNA dos ossuários. "Se os restos fossem reenterrados, então não poderia ter havido uma verdadeira ressurreição", acrescentou Meyer. "Você não faz anúncios científicos com esse potencial significado em filmes sensacionais ou em um livro de apelo comercial que tem alegações não fundamentadas e controversas nele".

Nas afirmações de Jacopovici, publicadas por Nina Burleigh, ele não alega inocência, parece apenas visar anular a perseguição que diz sofrer por parte de Joe Zias, que não provando suas acusações o difama e prejudica.

No entanto, estamos diante de um veio importante da produção documentária. Ela movimenta milhões e atinge bilhões de indivíduos. Sua constante veiculação pelos canais de TV "a cabo", a publicação em canais do YouTube, o comércio de DVDs, livros e cópias de relíquias sagradas, atinge o imaginário coletivo. E de certa forma o prepara para novas incursões do *mainstream* por estes assuntos, como foi o caso de *Êxodo: deuses e reis* (2014), de Ridley Scott, que se apropriou das explicações relativas ao fato bíblico surgidas nos documentários. E, portanto, chamá-los de *documentário exploitation de assunto religioso*, não parece tão equivocado assim. Podem até pertencer ao Campo do Filme Religioso, mas servem à outra causa.

Referências bibliográficas

- Armstrong, K. (1994). *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Baptista, M. & Mascarello, F. (2012). *Cinema mundial contemporâneo*. Campinas: Ed. Papirus.
- Freire, M. (2012). *Documentário: ética, estética e formas de representação*. São Paulo: Ed. Annablume.
- Jacopovici, S. (2007). *A tumba da família de Jesus*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil.
- Marsch, C. & Ortiz, G. (1997). *Explorations in theology and film*. Massachusetts: Blakwell Publishers.
- Nichols, B. (2005). *Introdução ao documentário*. Campinas: Ed. Papirus.
- Ramos, F. P. (2008). *Mas afinal... O que é mesmo documentário?*. São Paulo: Ed. Senac.
- Rodrigues, G. B. & Funari, P. P. (2009). Considerações sobre a trajetória inicial da arqueologia Bíblica. *Revista Mosaico*, 2 (2): 95-101, jul./dez. Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/download/967/675>

- Shelley, B. L. (2004). *História do Cristianismo. Ao alcance de todos*. São Paulo: Shedd Publicações.
- Vadico, L. (2006). O que diz a "Voz de Deus"? - especificidades do documentário religioso. *Doc On-line*, 01: 115-138, dezembro. www.doc.ubi.pt/01/artigo_luiz_vadico.pdf
- Vadico, L. (2015). *O campo do filme religioso. Cinema, religião e sociedade*. Jundiaí: Paco Editorial.

Filmografia

- A família secreta de Jesus* (2006), de David Batty.
- A última tentação de Cristo* (1988), de Martin Scorsese.
- Da Vinci decodificado* (2005), de David Carr e David Comptois.
- Dogma* (1999), de Kevin Smith.
- Êxodo: deuses e reis* (2014), de Ridley Scott
- O Código Da Vinci* (2006), de Ron Howard.
- O Êxodo decodificado* (2005), de Simcha Jacopovici.
- O túmulo secreto de Jesus* (2006), de Simcha Jacopovici.
- Os caçadores da arca perdida* (1981), de Steven Spielberg.
- Os dez mandamentos* (1925), de Cecil B. DeMille.
- Os mistérios de Jesus* (2014), de David Caldwell Evans e Justin Hardy.
- Patterns of evidence: Exodus* (2014), de Tim Mahoney.
- Stigmata* (1999), de Rupert Wainwright.
- Testemunha ocular de Jesus* (1998), de Discovery Communications Inc.
- Tiago, irmão de Jesus?* (2003), de Simcha Jacopovici.